

**CENAS DE UM ANTICOMUNISTA: AS REPRESENTAÇÕES DAS
ESQUERDAS BRASILEIRAS EM NELSON RODRIGUES
(1967-1974)**

Carolina Bezerra Machado*

RESUMO

O presente artigo analisa as crônicas de Nelson Rodrigues escritas para o Jornal *O Globo* entre 1967-1974 à medida que fizeram parte das batalhas discursivas do período ao apoiar e legitimar a presença dos militares no poder. As apropriações e representações feitas em suas crônicas fizeram parte de um imaginário anticomunista da época que apontou para uma esquerda antinacionalista, anticatólica e autoritária, contribuindo para o discurso do regime. Ao compreender que o imaginário de uma sociedade é construído a partir das culturas políticas presentes na mesma, o artigo se inscreve nas renovações do político por que passou a História, ampliando o debate ao reconhecer a riqueza de possibilidades que foram abertas a partir do uso do conceito de cultura política.

Palavras-Chave: Nelson Rodrigues, Cultura Política, anticomunismo, imaginário, representações.

ABSTRACT

The present article analyses the chronicles of Nelson Rodrigues written in *O Globo* newspaper between 1967-1974 since they were part of the discursive battles of the the period as to back up and to legitimize the power of thr of military. Appropriations and representations present in his chronicles were part of an anti-Communist imaginary of the time that point to the anti-Nationalist anti-Catholic and authoritarian left parties, contributing to the discourse of regime. By understanding that the imaginary of society is built from the political cultures present at the time, the article is part of the political renewal history has been through, expanding the debate while recognizing the multitude of possibilities that were opened since the concept of political culture came into use.

Keywords: Nelson Rodrigues, Political Culture, anti-communism, imaginary, representations.

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).
E-mail: lowbezerra@gmail.com.

Introdução

Pratico aqui na minha coluna o que eu próprio chamaria de límpido e cínico anticomunismo. Nem se pense que é uma posição recente (RODRIGUES, *O Globo*: 16.02.1970).¹

Escritas diariamente no jornal *O Globo* entre dezembro de 1967 e abril de 1974, as crônicas de Nelson Rodrigues, intituladas *Confissões* dialogaram com os diversos conflitos político-sociais que ocorreram no período. Ao nos determos a estas crônicas percebemos a construção de um discurso anticomunista, presente em diversos setores da sociedade brasileira. Esse discurso – que representou as esquerdas brasileiras como autoritárias, antinacionalistas e anticatólicas – contribuiu para reforçar a permanência da ditadura militar no Brasil, assim como a crença na necessidade da presença dos militares no governo à medida que as crônicas ressaltam a força de um imaginário anticomunista que fez parte de um discurso legitimador do golpe civil-militar.

De acordo com o historiador Rodrigo Motta, o sentimento anticomunista nasceu do medo e insegurança que os comunistas causaram nos setores mais conservadores da sociedade que embora fossem heterogêneos, podiam ser identificados em três grandes matrizes: católicos, nacionalistas e liberais. Para Motta, por vezes essa diversidade passa despercebida, pois há uma convergência inerente às suas características individuais, o ideário que se constituía em ser contra o comunismo, que os levavam a atenuar as diferenças em prol do combate ao inimigo em comum (MOTTA, 2002, p.15).

No que concerne a essa questão, a pesquisa desenvolverá as representações que foram feitas por Nelson Rodrigues sobre as esquerdas brasileiras a partir do diálogo que ele estabeleceu com as culturas políticas presentes na sociedade brasileira - entendendo representações pelo modo que os homens desenvolvem as ideias, imagens e signos que dão sentido à realidade (CHARTIER, 1990, p.19). Compreende-se que estas interferem nos meios sociais, constituindo um processo ativo como o exposto nas crônicas aqui pesquisadas.

¹ Todas as crônicas aqui analisadas foram escritas no Jornal *O Globo*, na página 2 do segundo caderno.

Do mesmo modo, o conceito de Cultura Política será de grande valia à medida que podemos pensar o papel do intelectual de acordo com as motivações que o levaram às suas escolhas políticas, ou seja, a partir das diversas influências contidas em uma sociedade, compreender sujeitos como Nelson Rodrigues e os personagens de suas crônicas, construídos em meio ao complexo sistema de representações políticas partilhado pela sociedade (BERSTEIN, 1998).

Vale ainda ressaltar, que no momento em que inicia a coluna *Confissões*, Nelson Rodrigues já é reconhecido como um importante ator social. Com vasta obra já publicada, o dramaturgo, contista, folhetinista e jornalista era representante de um determinado discurso político e cultural, assim como de um estilo literário que se aprofundará com suas crônicas políticas. A partir de construções metafóricas, cercadas de ironia, Nelson Rodrigues lançava-se a mais um debate, desta vez, travado no campo político. Ao representar uma esquerda caricata, beirando ao ridículo, as esquerdas viraram alvo de deboche e tema de muitas histórias do cronista, que se utilizou do seu talento literário para eternizar personagens como “a freira de minissaias”, “o arcebispo vermelho” e a “grã-fina do nariz de cadáver”, reforçando um discurso que pretendia ridicularizar as esquerdas brasileiras.

Todavia, embora haja um reconhecimento sobre o pensamento político e histórico de Nelson Rodrigues, os estudos relacionados às suas crônicas políticas constituem uma lacuna, principalmente entre os historiadores. Se suas produções teatrais são exaustivamente estudadas, suas crônicas, principalmente a coluna *Confissões*, se mantêm à margem. Destaca-se, deste modo, a importância de retomarmos as crônicas de Nelson Rodrigues.

Flor de obsessão: representações do anticomunismo católico

Meu Deus, só a má fé cínica, ou a obtusidade córnea, ou ambas, podem negar a pavorosa infiltração comunista na Igreja e repito: - há uma massa de católicos que se fingem de católicos e continuam na Igreja para melhor destruí-la” (RODRIGUES, 17/03/1970, p.2).

O trecho destacado condiz com a imagem de medo e insegurança que foi partilhada por grande parte da sociedade brasileira durante o período da ditadura civil-

militar. O comunismo era apresentado como ameaça interna à Igreja Católica, principalmente a partir do surgimento de movimentos católicos progressistas. Os setores tradicionais católicos viam a partir desses novos movimentos o avanço do comunismo sobre o clero e o laicato brasileiro, pois enquanto estes priorizavam o constante combate ao comunismo, os progressistas, ao defenderem a luta por reformas sociais se afastavam dessa constante luta (MOTTA, 2002, p.24).

Embora suas crônicas não sejam uma imagem perfeita da realidade, elas foram criadas em diálogo com esta, fazendo parte de um discurso proferido pelos militares e por grande parte da sociedade. Neste sentido, o cronista fez de sua coluna um espaço de oposição entre os “verdadeiros católicos” e os “cristãos marxistas”, como pejorativamente chamava a esquerda católica. Percebe-se, ainda, ao longo da coluna, dois tipos de ataques aos progressistas: por meio da ironia e do deboche, levando os leitores ao riso, utilizando-se aí do cômico como recurso para a desqualificação; e o ataque violento, que pretendia chocar o leitor ao demonstrar a falta de limites das esquerdas.

A criação de diversos personagens católicos permitiu ao autor ridicularizar a esquerda, fazendo do comunista um homem cruel porque é sem Deus, sem disciplina, pois não segue uma ordem e nem respeita hierarquias. A Igreja e o Estado estariam, assim, certos em combater o *inimigo*, pois, como citou em sua crônica: “A batalha final se travará entre comunistas e ex-comunistas. A Igreja não precisa de nenhum profeta. A sua batalha já começou” (RODRIGUES, 05/04/1969, p.2).

Ao criar seus personagens católicos, Nelson Rodrigues explorou a ficção, mas também se aproveitou de inúmeras personalidades religiosas bem conhecidas do público brasileiro para defender seu discurso. Vale, destarte, considerar o que Sábado Magaldi chamou de uma “realidade prosaica” (MAGALDI, 2010 p.21), ao destacar que era a partir do cotidiano que Nelson construía seus personagens, o cronista também passava a influenciar nessa mesma realidade, principalmente se levarmos em consideração a importância intelectual que o autor já possuía quando começou a escrever a coluna *Confissões* no jornal *O Globo*.

A defesa de um discurso que desmoralizava a “esquerda católica” enfatizava, sobretudo, o descomprometimento com as questões religiosas e com Deus pelos progressistas, que cada vez mais se voltavam para as questões políticas e sociais, visto por muitos como um desvio da doutrina cristã. Para Nelson Rodrigues, seria ilegítimo

um grupo que questionasse os valores católicos tradicionais e se voltasse para concepções modernizantes e defensoras de ideais tidos como de esquerda – por exemplo, a defesa das Reformas de Base e a resistência ao regime militar.

Todavia, em desalinho ao que ocorreu em 1964, no decorrer de 1970 surgiram diversos grupos católicos contrários à permanência dos militares no poder. Embora antes do golpe já houvesse clérigos voltados para preocupações ligadas às desigualdades sociais e a uma maior participação política da sociedade, com a influência do Concílio Vaticano II (em 1962) e da Conferência dos bispos latino-americanos em Medellín (em 1968), firmou-se dentro da instituição um grupo que começou a se posicionar de forma cada vez mais aberta em oposição à ditadura, principalmente após as nomeações de D. Paulo Evaristo Arns para a Arquidiocese de São Paulo, na década de 1970, e de D. Eugênio Salles para a Arquidiocese do Rio de Janeiro (em 1971) – o primeiro, especialmente, “muito conhecido pela defesa dos direitos humanos e solidariedade com os religiosos presos” (LOWY, 2007, p.309).

Denominados de progressistas, esse grupo tornou-se um dos principais baluartes de oposição à ditadura. Atuando entre grupos leigos, mas também de maneira ativa na defesa de grupos guerrilheiros, muitas foram as críticas sofridas por esses setores quanto à devoção religiosa. Ao se inserir neste debate, Nelson Rodrigues promoveu, através de sua coluna, severas críticas a diversos setores do clero. Com o objetivo de caricaturar, zombar e ironizar, o cronista criou diversos personagens católicos.

Sendo o “padre de passeata” uma das figuras emblemáticas nas colunas do autor, cabe colocar em questão o que, para ele, este novo ator social significava:

Sou de uma geração que ainda beijava a mão do padre. Mas vivemos uma tal crise de fé que insinuei uma dúvida: - ‘o senhor tem certeza? É padre mesmo? Jura?’ Jurou. E fuzilou-me com essa confiança, à queima roupa: - ‘Sou padre, mas ex-católico.’

Desta vez a minha curiosidade explodiu: - ‘explica isso direito. Um padre que, ao mesmo tempo, é ex-católico? Não tem sentido!’ Ele foi nítido e taxativo: - ‘Explico, explico. Sou padre de passeata.’ Custei a entender. E, súbito, percebi toda a verdade. Há um padre, não de missa, um padre, não de altar, um padre, simplesmente de passeata. Ainda assim pergunto: - ‘Mas se o senhor é ex-católico, por que não despe a batina?’ Ouço a sua gargalhada satânica: - ‘o senhor me acha com cara de abdicar de minha imunidade? A batina é minha imunidade. Continuo padre para não levar pau da polícia’ (RODRIGUES, 08/07/1968, p.2).

Através dessa passagem, constituída na primeira pessoa do singular, Nelson Rodrigues inseria a desconfiança no leitor - afirmava haver uma crise da fé, pois, a partir de agora, ao lado dos “verdadeiros católicos” teríamos também a presença dos “falsos padres”, denominados por ele de “padres de passeata”: aqueles que ignoravam as formas tradicionais de exercer o catolicismo, portanto, os “ex-católicos”. O autor procurava ainda ressaltar a ideia de que esses novos grupos progressistas não seriam católicos, apenas se colocariam como tal para poderem se imunizar das perseguições do governo a grupos de esquerda. Esses padres teriam como prioridade ir às passeatas ao mesmo tempo em que negariam as missas e os sacramentos da Igreja: “Na semana passada, dizia-me um padre de passeata: - ‘Como é chata a confissão! Por que é que não acabam logo com esse treco?’ Perguntei: - ‘E a extrema-unção?’ Fez uma boca de nojo: - ‘O que interessa é a justiça social’ (RODRIGUES, 02/09/1970, p.2).

Todavia, assim como o “padre de passeatas”, surgiram outros personagens, como a “freira de minissaias”, aquela que só colocava o hábito para ir às passeatas e nos demais dias andava de minissaia, uma referência ao que na época tornou-se o símbolo da mulher moderna. Ao construir a imagem de uma freira “pra frente”, Nelson Rodrigues se utilizava da minissaia para personificar uma mulher que rompia com os padrões morais da Igreja católica:

O fato é que como se tratava de passeata, as freiras vestiram-se de freiras. E uma delas, professora, passou na aula e chamou uma das alunas: - ‘Você vai tomar conta da turma.’ Largou a classe e foi, excitadíssima, com outras, para a passeata. Com pouco mais, desfilava na Avenida, dando adeusinhos para as sacadas ou entrando no coro: - ‘participação, participação, participação!’ (RODRIGUES, 2008, p.214).

Acima, Nelson propõe desqualificar as freiras que eram atuantes nas manifestações. Ao chamá-las de “excitadíssimas”, encontrava no adjetivo uma caracterização que não condizia com a postura casta que se esperava de uma mulher que escolheu servir a Deus. O trecho selecionado demonstra ainda um cenário em que a freira se porta como uma mulher comum e sem compromissos para com a vida eclesial. A “freira de passeata” ganhava um tom pejorativo e afastado das concepções religiosas: “Certa vez, vi uma freira de passeata atirando beijos, com as duas mãos, como as garotas de préstito carnavalesco” (RODRIGUES, 06/04/1970, p.2).

Em contraponto a esses personagens que, de acordo com o autor, continuavam na Igreja para “melhor destruí-la”, estariam os verdadeiros católicos que formariam um grupo indefeso. “Sim, os católicos formam uma minoria perseguida, humilhada, violentada pelos ex-católicos” (RODRIGUES, 08/03/1969, p.2). Alocado como vítima, o “verdadeiro católico” era retratado como uma “minoria acuada”, enquanto que os progressistas eram representados como “monstros”, “dráculas”, “assassinos de Deus”, “marxistas” e “anti-católicos”. Em crônica intitulada “*E aquilo mais parecia um sarau de vampiros*”, Nelson se referia à parcela da Igreja que justificou a guerrilha urbana: “Entre a cruz e o fuzil, a Igreja fica com o fuzil. Não tem nem castigo!” (RODRIGUES, 30/08/1968, p.2).

Assim, ao longo de todos os anos em que escreveu as *Confissões*, houve essa perseguição obstinada de Nelson Rodrigues em deslegitimar através de diversos recursos linguísticos e simbólicos os grupos progressistas da Igreja católica. Travando com suas crônicas uma batalha discursiva contra esses grupos, Nelson Rodrigues propôs mostrar esses padres e freiras como pessoas afastadas da vida religiosa e muito mais próximas de uma vida mundana.

Todavia, não só ao campo clerical ficou restrita a crítica do cronista. Os progressistas também se espalhavam pela sociedade e passavam a fazer parte dos grupos sociais, muitos frequentados pelo dramaturgo. Estes novos tipos sociais emergiam entre grã-finas e seus saraus na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, mas eram nas passeatas onde mais se faziam presentes. Ao lado da “mulher que era uma pose”, em referência às grã-finas da classe média, um dos personagens mais destacados é Palhares – o homem que não respeita nem a cunhada.

Desde então, sempre que descrevia atitudes cafajestes, fazia referência a esse personagem que em suas crônicas também era retratado como um homem “pra frente” da “esquerda católica”; afinal, como dizia Palhares a Nelson: “Convido as meninas para ver o Guevara no meu apartamento. Tiro e queda. Vai por mim: - é o verdadeiro Cristo. Esse negócio de amar o próximo é uma laranja chupada. Não pinga mais nada” (RODRIGUES, 2007, p.200).

Ao colocar Palhares como um representante da “Nova igreja”, Nelson Rodrigues procurou ironizar ainda mais os progressistas. Taxado como um “canalha”, Palhares foi utilizado como personagem ideal para classificar a “esquerda católica”. Sempre com um caráter titubeante, acompanhado de um repertório de modismos discursivos, Palhares

ainda iria aparecer inúmeras vezes para caracterizar os membros da esquerda, seja ela católica ou não. Esse personagem seria o representante de uma sociedade sem moral. Demonstrando inúmeras vezes orgulho em ser “o canalha”, para ele, “tudo é permitido”, em clara referência a Dostoiévski.²

Palhares seria o seu personagem das crônicas que, assim como as personagens do teatro, não teria restrições comportamentais, agindo de acordo com os instintos menos disciplinados. “É o homem primitivo, em estado bruto, recusando o verniz do convívio” (MAGALDI, 2010, p.40). Não teria sobre ele um veto moral e, por isso, ele poderia ser um representante dessa “Nova Igreja”, que, segundo o autor, negaria a existência de Deus.

Nelson Rodrigues passou a debater em *Confissões* os conflitos que se travaram entre progressistas e o Estado. Com um discurso muito próximo ao das autoridades, o cronista criticou uma série de figuras católicas que tinham posições contrárias àquelas dos militares e muitas vezes apoiavam grupos guerrilheiros, caso de grande parte dos dominicanos – a representação do padre de passeata será baseada nas apropriações que Nelson fez desta ordem religiosa.

Para os dominicanos, o compromisso político estava intimamente ligado à vivência da fé cristã, da mesma forma, a abertura de conventos para refugiados seria uma prática que se adequava à tradição da Igreja em dar auxílio a refugiados políticos (BETTO, 2006, p.92). Assim, se havia dúvida sobre os dogmas e questões tradicionais da Igreja, a fé cristã continuava inviolável, mesmo que fosse colocada sobre outras práticas que não as difundidas por grupos cristãos tradicionais. Por essa posição, os dominicanos tiveram um papel significativo junto aos grupos clandestinos, ficando conhecidos nomes como Frei Fernando Britto, Yves Terral (Frei Ivo), Tito de Alencar Lima e Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto).

Em passagens interessantes de crônicas publicadas logo após a morte do líder guerrilheiro e fundador do grupo armado de oposição à ditadura militar – a Ação

² A contribuição do escritor russo para o pensamento de Nelson Rodrigues se deu à medida que este compreendia que era a moral que dava sentido à conduta humana, baseando-se numa ética rigorosa que via na crença em uma divindade a salvação do próprio homem dos seus instintos. Por isso, inúmeras vezes aparece a referência a Dostoiévski: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Defendendo que ao confiar na existência de um Deus, de uma ordem, a qual se deveria obedecer preceitos éticos, assim como “acreditar numa hierarquia de valores que disciplinam o convívio”, o homem conseguiria fazer com que prevalecessem os bons sentimentos. Em: MAGALDI, 2010, p.71.

Libertadora Nacional (ALN) – Carlos Marighela em 4 de novembro de 1969, Nelson Rodrigues volta aos dominicanos:

Por aí se vê que em nossa época, o grande monstro brasileiro é o ‘padre de passeata’. Pensem no papel dos dominicanos articulados com o terrorismo. Pergunto: - como se pode trair tanto? Primeiro, traíram a Igreja, que fingiam servir; traíram o Brasil, que nunca serviram. Eram cristãos-marxistas, católicos sem vida eterna, sacerdotes sem sobrenatural. Cada qual continuava dominicano, ou se fantasiava de dominicano, para melhor destruir a fé. E permaneciam dentro de sua ordem para liquidá-la. E, por fim, traíram o próprio Marighela e o entregaram. Viviam traindo. Traíram até o fim. E queriam que os brasileiros bebessem o sangue uns dos outros como groselha (RODRIGUES, 08/11/1969, p.2).

Em diversas crônicas, Nelson Rodrigues acusou frei Fernando por delatar Marighela ao Departamento de Ordem Política e Pessoal (DOPS). A suposta traição foi tema de diversas confissões, demonstrando o envolvimento do cronista com as discussões políticas travadas na época. Por outro lado, a relação de freis dominicanos com Marighela e com o grupo guerrilheiro da ALN já vinha sendo investigada pelas forças de segurança, que, ao conseguirem localizar o líder guerrilheiro, acusaram os próprios freis de terem traído o militante. Eles teriam procurado o DOPS e denunciado todo o esquema. Nelson criou toda a cena da traição. Frei Fernando deu voz ao personagem do dramaturgo e interpretou como ator em sua coluna um grande traidor, deslegitimando a ordem dos dominicanos. A cena da traição foi interpretada inúmeras vezes em sua coluna.

Ora representados por personagens cômicos, ora vistos como terroristas, traidores, seres frios, sem sentimentos; o modo como abordava os personagens da igreja progressista variava, mas o objetivo era o mesmo: desqualificar, através da criação de personagens caricatos, os setores progressistas da Igreja. Para isso, construiu cenários – as entrevistas imaginárias com uma cabra no terreno baldio, é um exemplo -, zombou dos padres e freiras “pra frente”, ridicularizando-os e participou ativamente de um discurso conservador, defendido por uma parcela significativa da sociedade brasileira que apoiou o golpe e permitiu a permanência do regime civil-militar. Suas ações faziam parte de um imaginário anticomunista.

Contudo, as representações de Nelson Rodrigues sobre a Igreja progressista não se limitaria apenas aos personagens até aqui relatados. De acordo com ele, “os padres rebeldes” teriam como grandes influentes – e, sobretudo, líderes – as figuras do

intelectual católico Alceu Amoroso Lima³ e do Arcebispo Dom Hélder Câmara. Estes seriam os grandes responsáveis pela indisciplina que se estendeu pela instituição católica, contribuindo para o questionamento dos valores tradicionais do cristianismo.

Atores proeminentes em suas crônicas, D. Hélder Câmara e Dr. Alceu foram os personagens da Igreja progressista mais retratados nas *Confissões* de Nelson Rodrigues. O primeiro chamado de o “arcebispo vermelho” e o segundo de exemplo de católico para Nelson transformou-se no Lawrence das Árabias, referência ao personagem histórico, posteriormente encenado no cinema. No filme da década de 1960, Lawrence é um personagem em transformação. Se inicialmente é leve e bem humorado, ao decorrer das cenas passa a ser marcado pela morte e pelo prazer em matar, transformando-se em um homem de aspecto pesado, sedento pela guerra e destruição, cujo objetivo principal passa a ser o poder.⁴

Explicitamente, o cronista atacou essas lideranças católicas, dando continuidade às críticas outrora feitas aos padres e madres que estavam se opondo ao autoritarismo do Estado e levando para a instituição os conflitos sociais e políticos por que o país passava. As representações que foram feitas sobre eles fizeram parte do imaginário da época, contribuindo para uma posição de ataque difundida pelo governo militar e largamente debatida nos jornais, em que setores conservadores e reacionários apoiavam as perseguições aos religiosos e criticavam posturas progressistas como a dos atores citados.

Nelson Rodrigues não admitiu a influência progressista sobre a Igreja. Por isso, reproduziu esses atores como desvinculados da tradição eclesiástica e muito mais próximos a um “cristianismo ateu”, em que, no lugar das missas, da “Ave Maria” e do “Padre Nosso”, estariam os valores marxistas (RODRIGUES, 08/03/1969, p.2). Deixando de problematizar as novas propostas eclesiásticas que tiveram como expoentes esses dois personagens católicos, o intuito do intelectual aqui pesquisado foi criar um cenário para ridicularizá-los.

³ Durante a década de 1940 Amoroso Lima atuou nas direções do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*. Tanto a instituição quanto a revista, que era ligada ao Centro, mantinham posições conservadoras, constituindo-se num importante centro intelectual do catolicismo brasileiro. Posteriormente, passou a contestar algumas das posições mais tradicionais do catolicismo e durante a década de 1960 se dedicou a um catolicismo mais voltado para concepções reconhecidas como progressistas.

⁴ Lawrence das Arábias. Direção: David Lean. Roteiro: Robert Bolt e Michael Wilson. Reino Unido: 1962. Cor. [216min].

Sob esta perspectiva, os debates proferidos por Nelson Rodrigues fizeram parte de um imaginário que enxergava o catolicismo progressista como um desdobramento dos avanços comunistas sobre o Brasil. A partir disso, o autor criticou e procurou desmoralizar nas páginas dos jornais esses grupos que buscavam alternativas ao autoritarismo que também se fazia presente dentro da instituição eclesiástica. Deste modo, o cronista contribuiu para a legitimação da permanência dos militares no poder, como se estes fossem os defensores de uma tradição católica, baseada na moral e nos bons costumes da sociedade brasileira.

Em nome da pátria: os militares como salvação

- ‘Está certo que as esquerdas sejam universalistas. Mas por que não põem o Brasil ao menos no galinheiro do seu universo? Você não acha que as esquerdas podiam reservar um poleiro para o Brasil? (RODRIGUES, 18/05/1968).

O trecho acima enfatiza a posição internacionalista das esquerdas no período. A vinculação dos comunistas ao Estado soviético levou Nelson Rodrigues a criticar as esquerdas, acusando-as de antibrasileiras, antinacionalistas e distantes das causas políticas e sociais do Brasil. Tais argumentos condiziam com o pensamento anticomunista presente no país que procurava focar na personificação do comunista, criando sobre ele a figura do “estrangeiro, do alienígena, em outra palavra, do outro” (MOTTA, 2002, p.34), como se houvesse uma distância entre o homem comunista e o Brasil. O objetivo era apresentar esses homens como seres estranhos para deslegitimar suas atitudes e concepções.

Ainda de acordo com Motta, o nacionalismo pode ser considerado uma matriz anticomunista à medida que entendemos a nação por um viés conservador, “como um conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social” que enfatiza a “defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização”. A valorização do povo brasileiro em união ao seu território e ao Estado, como um “objeto sagrado” também é

ressaltado (2002, p.29). Em contraponto, os comunistas foram tratados como ameaça a essa nação. Eram representados como um grupo que enfatizava mais as noções de classe do que a unidade nacional, partilhando de uma ideal nacionalista somente enquanto argumento para denúncia do imperialismo. Essas concepções foram aviltadas pelos anticomunistas, que acusavam os grupos de esquerda de falsos nacionalistas, e até mesmo, “nacionalistas russos” (RODRIGUES, 21/02/1969, p.2).

Representados ainda como um grupo constituído pelas classes dominantes, as esquerdas tinham suas atitudes revolucionárias ironizadas. O cronista enfatizava um comportamento boêmio e utópico de suas ações. Um discurso que culminou para o autor, na denominação de “esquerda festiva”, ou seja, um grupo, sobretudo, composto por jovens, que faziam da sua ideologia uma pose, uma autopromoção que era vista nas praias e nos botecos ideológicos. Moradoras da zona sul do Rio de Janeiro, as esquerdas nada conheceriam sobre o povo, se restringiam nas suas crônicas a frequentar a praia do Leblon pela manhã e, no mesmo bairro, o Antônio’s à noite, este último, o principal exemplo de “boteco ideológico” – “lugar onde as esquerdas vão gorjear seus palavrões” (RODRIGUES, 2007, p.133).

A crítica feita pelo intelectual fazia parte de um contexto maior, que visava a desqualificação dos projetos revolucionários de esquerda. Enquanto Nelson Rodrigues ridicularizava-os, o governo brasileiro se empenhava durante os anos de ditadura em acusá-los de comunistas e, posteriormente, terroristas, o que se tornou ainda mais forte a partir de 1968, quando uma parcela dos membros da esquerda aderiu à luta armada, como veremos adiante.

A marcha saiu como quem vai tomar o poder. Realmente, cem mil pessoas não se reúnem para nada. Essa abundância numérica era, por si só, alarmante. Portanto, a História tratou de taquigrafar qualquer suspiro de tamanha massa. (...)Raul Brandão [Jornalista]; com uma cutucada, sussurrou-me: - ‘Olha aquele’ Olhei e vi. Era uma latagão prodigioso. Solidamente belo como um havaiano de praia, ofendia e humilhava os demais com a sua vitalidade esplêndida.

E o jovem luminoso como os antigos sátiros vadios, chupava um chica-bom. Foi essa nota realista da passeata. Tudo o mais era o patético raiando pelo sublime. Aqueles ‘100 mil’ traziam, em seu ventre numeroso um novo projeto vital para o Brasil. Muito bem: - e o latagão, ali, chupava o chica-bom. (*grifos meus*).????

Dava uma lambida no chica-bom e berrava: - ‘O povo tem fome!’ Nova lambida e terceiro berro: - ‘o povo tem fome!’ Era seu estribilho heróico (RODRIGUES, 21/02/1969, p.2).

Uma das grandes críticas do cronista às esquerdas dizia respeito à falta de ação e de projetos políticos eficazes para a realidade brasileira que, de acordo com o autor, poderia ser explicado pelas diferenças de realidade entre elas e o povo. Para Nelson Rodrigues, as manifestações que ocorriam não tinham propósitos, eram vazias de conteúdo e justificavam sua obtusidade através das utopias revolucionárias de lutar pelo Vietnã. Desta forma, o mesmo retratava os participantes destas passeatas como homens sem compromisso, tal qual o trecho acima pretende ilustrar: retratado como vadio, o personagem que chupa o chica-bom ao gritar a fome do povo não representa esse povo. Ele grita, protesta, mas é como se ele não fizesse parte do grupo pelo qual protesta. A ironia contida aí explicita a distância que existia entre o “estribilho heróico” e o grito agonizante de quem tem fome.

Todavia, é importante acrescentar que, se antes as crônicas de Nelson Rodrigues criticavam a postura passiva e festiva das esquerdas, por sempre se manterem a distância dos enfrentamentos diretos, a partir do momento em que os projetos de luta armada ganharam espaço, a crítica permanece. Não houve nenhuma valorização em relação ao enfrentamento que a partir de finais de 1968 ocorria entre parte dos membros das esquerdas. Se antes havia o menosprezo à passividade das manifestações, a ação dos grupos armados das esquerdas também será alvo de críticas ainda mais duras.

Por outro lado, é relevante notar que ao mesmo tempo em que criticou a violência armada por parte das esquerdas, negou a violência utilizada pelo governo. Para Nelson Rodrigues, a acusação dos grupos de esquerda, que cada vez denunciava mais o sistema de torturas no Brasil, não passava de uma invenção, seria uma forma de degradar o país internacionalmente. Em crônica intitulada *Conversas brasileiras com o presidente Médici*, Nelson coloca: “Não sei se chamarei isso [a tortura no Brasil] de ignomínia ou obtusidade. Não, obtusidade não é. É uma ignomínia. Os que procuram degradar o Brasil, ou aqui dentro, sabem o que fazem e por que o fazem” (RODRIGUES, 09/05/1970, p.2).

Negando as acusações de tortura, o Estado utilizou como estratégia o ataque aos militantes de esquerda, retirando sua credibilidade perante a sociedade brasileira, ligando seus atos a comportamentos “terroristas”. Longe de tratar suas iniciativas guerrilheiras como ações políticas, representava os militantes como “criminosos, assaltantes de bancos e assassinos de inocentes” (GASPAROTTO, 2008, p.127), da

mesma forma como encontramos nas crônicas de Nelson Rodrigues que por vezes negou a existência de tortura no Brasil. As denúncias ora feitas por diversos grupos ligados às esquerdas eram relacionadas a atos de terroristas que tinham posturas antipatriotas, em clara referência ao discurso nacionalista que era difundido pelo governo.

Ruy Castro relata em biografia sobre o autor que a tortura só se tornou evidente para o mesmo a partir do episódio em que seu filho Nelsinho, membro do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), foi preso e torturado em 1972. Entretanto, essa postura não aparece claramente nas crônicas, visto que a posição política favorável aos militares continuou, da mesma forma como os elogios ao presidente Garrastazu Médici, que sempre estiveram presentes até o final das suas *Confissões*.

A crônica publicada em 25 de maio de 1973 mantém a mesma exaltação ao “estadista”: “Por isso, falei na coragem histórica, sim, na coragem de fazer o que deve ser feito, já. O Brasil precisa de um estadista. Também se conhece um estadista nos pequenos gestos, nas atitudes modestas, infinitamente modestas” (RODRIGUES, 2008, p.126).

Houve um momento em que ele me disse: - ‘Sou um presidente sem compromissos. Só tenho compromissos com a minha pátria’. Eis um homem que fala em ‘pátria’, em ‘minha pátria’. Para a maioria absoluta dos civis, ‘pátria’ é uma palavra espectral, ‘patriota’ é uma figura espectral. E as nossas esquerdas fizeram toda sorte de manifestações. Não berravam, não tocavam na ‘pátria’ (2008, p.126).

Através do trecho acima, retirado de uma crônica escrita por Nelson Rodrigues em 1970, percebemos o quanto o discurso nacionalista e patriota atuava como legitimador para a permanência dos militares. O cronista ressaltava a importância que Médici dava às questões brasileiras, contrapondo a sua exaltação ao ditador exatamente à sua principal crítica às esquerdas: o antinacionalismo. As esquerdas eram representadas nas crônicas como o anti-Brasil. Seus projetos revolucionários eram ligados ao comunismo soviético e desprezados das questões nacionais. Por outro lado, os militares seriam a representação da defesa da unidade nacional, estariam ligados aos projetos desenvolvimentistas que visavam o crescimento do país e, ao mesmo tempo,

garantiam a ordem e a permanência da moral e dos bons costumes em contraponto aos processos de transformações sociais e políticos que estavam ligados às concepções internacionalistas dos comunistas.

O discurso otimista presente nas crônicas de Nelson Rodrigues pode ser considerado uma repercussão da propaganda oficial do governo, que soube dialogar com as expectativas e esperanças já existentes entre o povo brasileiro. A *Assessoria Especial de Relações Públicas* (AERP – 1968-1973), responsável pela propaganda durante o governo Médici, foi essencial para divulgar uma imagem otimista e grandiosa do país baseada no patriotismo. Com uma nova conceituação para o termo, o patriota era o otimista em relação ao futuro do Brasil, contrapondo-se ao impatriota, ou seja, ao pessimista ou crítico do governo (FICO, 1997, p.138). Por não partilharem do ideal desenvolvimentista e promissor que os militares creditavam ao país, as esquerdas eram excluídas da nova concepção nacionalista difundida pelo governo.

O historiador Carlos Fico desenvolveu como tese de doutorado uma pesquisa que trouxe resultados significativos acerca da propaganda oficial do governo durante o período ditatorial. Ao compreender a propaganda do regime além da manipulação, o autor valorizou os aspectos internos que contribuíram para o sucesso da propaganda, que teria suscitado um grande sentimento ufanista. Fico ressaltou que os militares souberam trabalhar com um imaginário de otimismo já presente entre os brasileiros. Ao re-significar em sua propaganda política uma tendência considerada pré-existente na sociedade, ou seja, a crença num país que seria propenso ao progresso, o governo soube dialogar com essa expectativa de Brasil grandioso, tornando cada vez mais essa premissa uma verdade incontestável, que se encontrava partilhada entre os brasileiros. Ao levar essa questão em consideração, podemos compreender os motivos que levaram os militares a serem aceitos com grande entusiasmo por uma parcela significativa da sociedade brasileira à medida que esta se reconhecia na esperança suscitada pela propaganda do governo (FICO, 1997).

Através das suas *Confissões*, Nelson Rodrigues vai dialogar com o governo e se identificar, principalmente, com a proposta de fazer do Brasil um país grande e desenvolvido, em que todos deveriam se unir em prol de um projeto de nação. O cronista via no Estado ditatorial o surgimento de um novo país, que se potencializava diante dos outros. Para ele, teríamos deixado, pelo menos por alguns momentos, de ter a

“síndrome do vira-latas”, fomos tricampeões mundiais em 1970, estamos sendo bem vistos internacionalmente, o Brasil deixava, enfim, de “ser uma piada”.

De acordo com o cronista, o Brasil vivia o seu grande momento como país e os principais responsáveis por tal avanço seriam os militares, principalmente por estarem ligados à defesa da unidade nacional, ao romperem com os avanços comunistas sobre o país. O prestígio internacional também era valorizado, assim como a presença de um líder, acima de tudo carismático e identificado com o povo brasileiro, como era Emílio Garrastazu Médici.

Diríamos, até Jango: - ‘Eu não mereço tanto!’ Símbolo autêntico de um Brasil pré-revolucionário é certo conhecido meu. Vivia ele bramando, pelas esquinas e pelos botecos: - ‘Sou um quadrúpede de vinte e oito patas!’ Como se vê, era um Narciso às avessas que tratava a própria imagem a pontapés (RODRIGUES, 05/05/1972).

Para Nelson, a chegada dos militares ao governo representou a época do Brasil revolucionário, como os próprios exaltavam nos discursos oficiais. O Brasil atrasado teria ficado para trás, junto com as esquerdas e aquele brasileiro desacreditado de outrora. Portanto, podemos ver nas crônicas um discurso muito próximo daquele defendido pela ditadura, que a partir de uma intensa propaganda, como também de um plano econômico que atendeu grande parte de setores da elite e da classe média, possibilitou o desenvolvimento do país, repercutindo num intenso sentimento otimista, que contribuiu para o apoio de um regime autoritário.

Só sei que é incompatível o ser humano e o socialismo

Por que não dizer, inversamente, que na hora da decisão o Exército sempre fez tudo? A falsa “passionária” exigia: - ‘Quero os fatos.’
‘Seria possível o movimento de 30 se excluíssemos os militares? E mais: - 35. A resistência contra os comunistas em 35 etc,etc,etc. E agora fazia-se a Revolução que as esquerdas não souberam fazer’ (RODRIGUES, 2008, p.395).

Por último, podemos perceber o quanto o comunismo era retratado como o inimigo, visto com aversão, uma imagem que traduzia o que havia de pior para o ser humano. Assim, de acordo com Nelson Rodrigues o regime comunista estava ligado a um processo de restrição de todas as liberdades do homem e por isso era taxado criticamente por todos seus opositores, de totalitário. Nelson Rodrigues se colocou até o fim como um defensor das liberdades humanas, mantendo-se contrário ao comunismo. Em entrevista concedida à revista *Isto É* em 1979 o cronista procurou justificar suas escolhas políticas: “as coisas estavam assim: ou você era a favor ou era comunista. O pior de tudo que pode haver é realmente o comunismo. Se o Brasil caísse no domínio comunista, por 48 horas que fosse, eu estourava os miolos”.⁵

O golpe de 1964 se legitimou em nome da democracia. O apoio a um regime autoritário concedido por Nelson Rodrigues, assim como por grande parcela da sociedade, seria em nome de algo maior: a *defesa* do país contra os comunistas. Afinal, o medo diante da instabilidade política que estes representavam e as dessemelhanças políticas com os setores conservadores tinham ganhado proporções muito maiores do que a valorização da democracia (FONTES, 1993, p.6).

Ao refletir sobre suas opções políticas, sempre críticas às esquerdas e ao seu autoritarismo, percebemos que o jornalista se aproximava muito das práticas políticas dos liberais, sobretudo, no que concerne o liberalismo udenista. Em estudo sobre o partido da União Democrática Nacional (UDN), Maria Vitória Benevides identifica o liberalismo como uma tradição entre os seus políticos, embora essa relação se apresentasse de forma ambígua e contraditória, visto que na teoria tinham a democracia como princípio, mas na prática rompessem com seus valores à medida que estavam sempre dispostos ao golpismo político. Deste modo, a herança liberal brasileira seria relacionada, sobretudo, a um profundo elitismo, que não valorizava uma ampla participação política, ao mesmo tempo em que, sempre que necessário, não se privava de recorrer à intervenção militar (BENEVIDES, 1981, p.248-250).

A partir destas questões, compreende-se que o liberalismo de Nelson Rodrigues se aproximava muito do tipicamente udenista. Embora defensor das liberdades civis, não enxergou um problema no golpe dado por civis e militares em 1964, tendo como principal argumento a garantia das liberdades que seriam asseguradas pelo novo

⁵*Isto É*. Rio de Janeiro: 25/07/1979.

governo. Nelson Rodrigues aceitava o golpe como legítimo, porque o objetivo era impedir a ascensão dos socialistas ao poder. Sendo assim, legitimava a violação da democracia para melhor salvá-la, daí o seu apoio à intervenção dos militares. Não havia preocupação para o jornalista o fato de termos um governo político autoritário, desde que houvesse preservação das liberdades individuais e da ordem social, que nesse caso, estaria ligada à presença de um Estado forte para que, então, a democracia se consolidasse.

Por outro lado, não aparecem nas crônicas as tensões políticas que existiam no Brasil. Não havia referência às arbitrariedades praticadas pelo regime que torturava; explicitava-se somente sua simpatia com o governo e seus ditadores, sem explorar o caráter autoritário da ditadura. Nelson Rodrigues expõe em suas crônicas uma visão simplificada da política brasileira, em que não se apresentavam alternativas para um defensor das liberdades como ele. Quem estivesse contra o comunismo tinha que estar a favor do regime, o que usou para justificar seu apoio à ditadura até o fim.

Todavia, nota-se, a partir da análise de suas crônicas, que as críticas do cronista ao autoritarismo socialista eram justificadas em nome da pessoa humana. Se por um lado se identificava com alguns postulados liberais – defesa dos direitos civis – por outro, deixava muito claro em suas crônicas que sua maior preocupação era em relação ao processo de desumanização que avançava sobre o país. A defesa do autoritarismo do Estado brasileiro era tratada por Nelson Rodrigues como a garantia dos direitos individuais. Para o autor, por mais que no Brasil tivéssemos um governo autoritário, a pessoa humana e a sua individualidade não estava sendo destruída. Como afirmava em suas crônicas, continuava havendo oposição, as esquerdas se colocavam contra o governo através das passeatas, das músicas de protestos e dos artigos de intelectuais, escritos em jornais. Oposições impensadas num governo socialista, que aniquilava com a pessoa humana e destruía toda a individualidade do homem.

Para o autor, o marxismo estaria permitindo o aparecimento, em número cada vez maior, dos idiotas e dos canalhas, representados nas crônicas, como exposto, por Palhares. Se antes eles andavam pelos cantos e não eram escutados, agora andam em massas, têm ideologias, rompantes libertários e palavras de ordem (RODRIGUES, 13/01/1968, p.2). O crescimento dessas figuras era aceito diante do prestígio de um regime que era incompatível com o ser humano, desprezava Deus, o sentimento e, sobretudo, o amor, ao só enxergar o ódio (RODRIGUES, 12/12/1969) que, diante de

uma “causa”, não tinha restrições para matar: “A Rússia mata de fome, punitiva, doze milhões de camponeses. Mas foi uma nobilíssima matança. Fez isso em benefício das próprias vítimas, da humanidade, e da liberdade e do futuro” (RODRIGUES, 22/05/1969).

Nelson compreendia o governo a partir de uma perspectiva que defendia que embora houvesse um Estado autoritário, esse regime atuava de modo defensivo. As perdas de algumas liberdades seriam necessárias para mantê-las futuramente. O indivíduo e suas liberdades corriam risco diante do terrorismo que se expandia com as esquerdas. Estas não viam restrições e muito menos punições para os seus atos. Ignorando-se o autoritarismo do regime, Nelson coloca que é a partir do “terror” provocado pelas esquerdas no Brasil, que sabemos das liberdades concedidas pelo Estado, que segundo ele, não as tratava com punição, afinal, como argumentava nas crônicas, era um país que respeitava o indivíduo.

O reacionário

Tendo sua imagem rapidamente associada à direita, Nelson foi taxado de reacionário, o que foi facilmente aceito pelo cronista. A partir de acusações como essa, passou a construir um personagem de si mesmo, evidenciando o epíteto reacionário, mas promovendo um novo significado para o conceito. Um personagem que deu nome ao seu último livro de memórias, em que talvez procurasse se afirmar como contrário à *evolução* política que se pretendia, e que na época era tão presente quanto tida como real: o socialismo.

Diferente do que somos levados a pensar, ao atribuir um significado negativo ao termo, visto que, literalmente, compreende-se o reacionário num sentido conservador, que se aproxima das concepções de direita, sendo avesso a qualquer mudança que leve à igualdade social e mude o sistema de valores de uma sociedade, Nelson Rodrigues passou a dar um novo significado. Procurando não se identificar com aquela direita que se aproximava do que ele negava no comunismo, o autoritarismo, identificado com os fascistas e nazistas.

Percebemos que sua posição como reacionário foi novamente de encontro ao que ele identificava no mundo comunista: a degradação da humanidade. O homem se restringiria em nome de uma ideologia que tirava todas as suas liberdades, negando a

sua dimensão humana de criação. Do mesmo modo que diferenciava os intelectuais que prezavam por sua individualidade, o jornalista também se afastou das unanimidades e escolheu explorar a condição de solitário e incompreendido, à medida que não se furtava de pensar individualmente.

Justificava sua posição política em contraponto à ausência de direitos civis nos países comunistas. Assume-se como reacionário, usando como retórica a acusação das esquerdas. Para ele, eram elas que colocavam os limites na política. Se não estivesse com elas, estaria contra elas, portanto, à direita e, sobretudo, reacionário, na concepção mais clássica do conceito.

Considerações finais

Acompanhamos ao longo do artigo o quanto os discursos proferidos por Nelson Rodrigues estavam em constante diálogo com o governo dos militares. Ao fazer de sua coluna um espaço de combate à esquerda brasileira, o jornalista participou ativamente da construção de uma imagem da realidade política do país. E, embora gostasse de ser um polemista, utilizando-se de toda uma retórica marcada pelo cômico e exagero, utilizava-se desses recursos para expor sua posição política. Era, sim, uma convicção. Não tinha como objetivo apenas ganhar um público ou estabelecer uma divergência com as propostas das esquerdas, como algumas vezes foi interpretado. De acordo com Wilson Figueiredo, “a profissão de fé à direita, naquele momento, muito mais que convicção, exprimia a conveniência de ampliar diferenças com a esquerda. Era para consumo próprio o prazer de ficar contra a maioria” (FIGUEIREDO apud RODRIGUES, 2007, p.14).

Se reduzirmos as opções políticas de Nelson apenas em termos de provocações, ignoramos o conteúdo político de suas crônicas, que junto à época, colaboravam para um discurso de otimismo do governo ao mesmo tempo em que desqualificava as opções das esquerdas, vistas com aversão por significativas parcelas da sociedade. Passariam despercebidas as exaltações a Médici, e o porquê delas, assim como as críticas a Dom Hélder Câmara e Alceu Amoroso Lima, por exemplo, reduzindo ao cômico a importância política desses intelectuais.

Por isso, ao buscarmos uma análise mais detida, em que diversas crônicas inéditas foram pesquisadas, percebemos o quanto sua coluna esteve inserida num amplo

sistema simbólico que fez parte do imaginário anticomunista presente na sociedade, contribuindo intensamente para a crença do medo e insegurança colocados sobre o movimento comunista. Percebemos a partir de sua postura política, os diálogos que puderam ser feitos entre o Estado e a sociedade. Para além da força e manipulação, mesmo compreendendo a existência de ambos, entendemos que a ditadura foi permitida em meio a um cenário complexo em que os militares dialogaram com os anseios de grande parte da sociedade brasileira.

Referências

Fontes

O Globo (coluna Confissões) - (1967-1974)

Bibliografia

BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o udenismo. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1981.

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Marighela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. GALHARDO, Maria Manuela (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FONTES, Virgínia Maria. *A propósito de democracia, de paradoxos e de reflexão histórica*. *À margem*, v.2, p. 5-13, 1993.

LOWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: O cristianismo da libertação. In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

MAGALDI, Sábato. Nelson Rodrigues. Dramaturgia e encenações. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: memórias e confissões*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante. As primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

Recebido em 10 de Março 2014/
Aprovado em 29 de Junho 2014.